

Shultz apoiará a negociação brasileira



Reuters

Para Sodré (D), Shultz vai atuar ativamente junto aos credores

Nova Iorque — O secretário de Estado norte-americano, George Shultz, vai atuar ativamente junto aos setores envolvidos nas negociações da dívida brasileira, pois acha que o problema não é só do Brasil, mas também dos Estados Unidos. A informação foi prestada pelo chanceler Abreu Sodré, depois de manter uma reunião de 35 minutos com Shultz, no United Nations Plaza Hotel. Sodré, que estava acompanhado do embaixador brasileiro em Washington, Marcílio Marques Moreira, frisou a Shultz, novamente, que é preciso uma negociação política para o problema da dívida.

Segundo o chanceler, foi colocado ao secretário de Estado que a dívida externa brasileira não pode ser analisada apenas sob o prisma contábil, devendo ser en-

contrada uma solução para que o Brasil possa manter seu crescimento e desenvolvimento, e pagar, simultaneamente, todos os seus credores. "É necessário encontrarmos uma composição entre todas as áreas, pois o que adianta levar o Brasil a uma inadimplência total?", indagou Abreu Sodré.

Sempre frisando que Shultz está sensibilizado com o problema — sobretudo pelo "peso específico" do Brasil — o chanceler afirmou que a visita do ministro Bresser Pereira aos Estados Unidos, a partir de quinta-feira, poderá ter resultados concretos no campo da negociação da dívida. Sodré confia em sua "intuição" e afirmou que nada adianta levar o Brasil contra a parede. "Não queremos levar o Brasil para o clube dos caloteiros, mas continuar pagando nossa dívida e preservando nosso cres-

cimento", acrescentou.

O chanceler ressaltou que a lei americana estabelece um prazo prazo a retomada dos pagamentos da dívida contraída pelo Brasil. Mas, conforme explicou a Shultz, o Brasil vive neste momento a fase de elaboração da nova Constituição. Por isso, Sodré acredita que o prazo para um acordo até poderá ser dilatado. O que nos interessa, agora, é um oxigênio que nos dê condições de sobreviver, o que necessita a compreensão dos credores. Isso significa dinheiro novo ou "joint-ventures", como nossos negociadores estão defendendo, disse.

O chanceler brasileiro não acredita que a declaração de moratória-circunstancial segundo ele — possa prejudicar o relacionamento do Brasil com os Estados Unidos.